



## EDITAL FOMENTO CULTSP - PNAB Nº 11/2025

### APOIO À PRODUÇÃO E LANÇAMENTO DE CURTA METRAGEM TEMÁTICO

## STORYBOARD

### O Julgamento dos Encantados: Guardiões da Terra Ferida



O museu torna-se um território de atravessamento. Pinturas, corpos performáticos e público coexistem no mesmo espaço, dissolvendo fronteiras entre obra, rito e experiência compartilhada.

Os Encantados emergem das telas não como ameaça, mas como presença convocatória, deslocando o espaço institucional para um campo simbólico de escuta, confronto e responsabilidade.

## Quadro 1 – O Espaço Compartilhado

O filme se inicia no interior de um museu contemporâneo.

Pessoas de diferentes idades circulam livremente e observam pinturas de forte carga simbólica e mitológica.

O ambiente é amplo, iluminado por luz natural, sugerindo acesso público, convivência e abertura ao encontro entre arte e espectadores.





## Quadro 2 – O Nome Dado ao Desconhecido

Entre os visitantes, uma criança se destaca ao apontar para uma das pinturas, nomeando as figuras como “**monstros**”.

O gesto revela o estranhamento inicial diante do que foge à norma e explicita o conflito central da narrativa: quem define o que é monstruoso?



## Quadro 3 – A Fronteira se Abre

O céu, antes ensolarado, torna-se carregado de nuvens escuras, surgindo relâmpagos e trovoadas.

Uma figura representada em uma das telas rompe o limite entre obra e espaço expositivo, emergindo diante do público.

A separação entre representação e presença começa a se desfazer.

### Notas de encenação:

As manifestações dos Encantados são construídas por meio de recursos cênicos sutis e controlados, integrados à iluminação e ao enquadramento, sem intervenções estruturais no espaço expositivo.

As **presenças são episódicas e não permanentes**, preservando o caráter ritual e simbólico do encontro.





## Quadro 4 – A Presença Instintiva

A Mulher-Loba (lobisomem-fêmea) se manifesta por instantes.

Seu corpo evoca transformação, instinto e força ancestral, deslocando o imaginário do terror para uma dimensão ligada ao sagrado e ao corpo.



## Quadro 5 – A Memória das Águas

Lara surge associada às águas e à memória dos rios.

Sua presença convoca a relação entre território, esquecimento e ferida ambiental, trazendo à cena a dimensão da natureza ferida e da relação histórica entre humanidade e território





## Quadro 6 – O Riso que Desestabiliza

O Saci aparece de forma irreverente e inquietante.

Sua presença ambígua questiona as leituras simplificadoras do imaginário popular sobre o bem e o mal, expondo o caráter construído das narrativas morais.



## Quadro 7 – O Olhar que Cobra

A Caipora se apresenta como guardião da floresta.

Seu olhar atravessa o público, instaurando um julgamento silencioso sobre a destruição ambiental e o desequilíbrio ecológico imposto ao mundo natural.





## Quadro 8 – A Voz da Justiça Ancestral

Parajá surge por último. Divindade tupi associada à justiça, ela ocupa o espaço como síntese das vozes originárias e do julgamento que atravessou todas as aparições.

Sua presença não condena nem absolve: convoca à responsabilidade.



## Quadro 9 – O Espaço Após o Rito

As entidades já não estão presentes. O espaço do museu permanece, agora atravessado pela experiência do que ocorreu.

O céu voltou a ficar ensolarado e o ambiente recupera sua aparência cotidiana.

O julgamento não se resolve em palavras ou punições, mas na experiência compartilhada que acabou de acontecer.





## Quadro 10 – O Gesto que Permanece

A narrativa se encerra com uma criança segurando uma semente e um vaso. Em silêncio, realiza um gesto simples: plantar.

O ato não representa redenção imediata, mas a assunção de uma responsabilidade concreta.

O ato simboliza cuidado, responsabilidade e possibilidade de futuro, deslocando o julgamento para uma ação coletiva e contínua.

